

O VIÉS MEMORIALÍSTICO EM A *SIBILA* DE AGUSTINA BESSA -LUÍS

Profa Dra. Maria José Ladeira Garcia

A memória é a faculdade épica *par excellence*

(Cf. BOSI, 2003, p.14).

É pela memória que o ser humano se configura como capaz de constituir mundos porque é através dela “que se estabelece a possibilidade da vigência da unidade” (CASTRO, 1997, p.149). Etimologicamente, memória vem do grego e significa ação de se lembrar, o lembrar do que permanece no espírito.

A *sibila* apresenta uma estrutura bastante particular. A narrativa inicia-se com o diálogo entre as personagens Germana (Germa) e seu primo Bernardo Sanches, quando visitavam a casa da Vessada que já se encontrava quase abandonada. Germa, vai, então rememorizando os fatos do passado e questiona a si mesma sobre quem fora Quin, a tia que lhe fez herdeira.

Assim, a memória rompe com a ordinariedade e torna-se um constituidor de mundo, sendo possibilidade de transcendência. É pela memória retrospectiva como em: “os primeiros anos foram muito amargos, se bem que Maria, no futuro, os recordasse com uma ternura muito viva, e os achasse, de fato, os mais risonhos de sua vida” (BESSA-LUÍS, s.d., p. 21) e pela prospectiva, conforme se exemplifica:

Contudo, às vezes, Quina sentia-se imobilizar no tempo, e impelia-a uma tentação de se arrojara do leito e ir olhar o quinteiro, na madrugada cinzenta, porque sabia que o pai estava lá, aparelhando o carro que devia partir para o mato, enleando a corda nos fueiros e jungindo os bois que tinham descido das cortes, húmidas do vapor das suas respirações (idem, s.d., p. 210)

que a unidade se configura realidade; pela memória o ser humano cria possibilidade de escapar dos limites impostos pelo binômio espaço/tempo.

A memória voluntária é a memória criadora, sinônimo de consciência, por meio da qual, Germa quer descobrir quem fora Quina, a tia que lhe fez herdeira. Sua atitude vai ao encontro de sua própria essência, pois sente, resente a vida e se recria através da memória ao questionar sobre a identidade da tia.

Essa permanência do passado no presente pelos sentidos lhe propicia a presença da imagem de Quina, não se distinguindo mais a lembrança da tia do que é a própria vida.

Essas irradiações dentro do tempo e essa simultaneidade de percepções lhe possibilitam a recriação de Quina a partir de seus próprios sentidos, pois memória é a capacidade de repetir, uma reconstrução que acrescenta.

O termo repetição é sinônimo de investigação, e Heidegger considera que o investigar “não significa nada menos do que repetir o princípio de nossa existência espiritual, História, a fim de transformá-lo num outro princípio” (HEIDEGGER, In: SANT’ANNA, 1992, p.205). Na verdade, a repetição é um fator responsável pela própria continuidade da vida, uma atitude contra o tempo, uma necessidade de fixar a essência do que passou e reviver a tia diante do tempo presente.

Como a vivência do cotidiano está sob o gerenciamento da multiplicidade e do instantâneo, procurar-se-á pelo viés da memória mergulhar no romance *A sibila* para tentar, como Germa, conhecer a identidade de Quina.

Pode-se considerar a memória como índice de vida, de imortalidade, mas, sem a presença do esquecimento, não vive, não se mostra; logo, essa dinâmica entre esquecimento e memória faz cintilar a verdade, a própria vida.

Para Bergson, o passado se conserva inteiro e independente no espírito, cujo modo próprio de existência é um modo inconsciente. Antes de atualizada pela consciência, “toda lembrança “vive” em estado latente, potencial. Esse estado, porque está abaixo da consciência atual (“abaixo”, metaforicamente), é qualificado de “inconsciente” ” (BOSI, 2003, p.52).

Bergson chamou de *duréé* esse presente contínuo da consciência que é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, pois o presente guarda, de forma distinta, a imagem crescente do passado, porque ele revela o que se carrega à medida que se envelhece. Caso não existisse essa sobrevivência do passado no presente, não existiria a *duréé*. A existência não é um instante que substitui outro instante, para Bergson, mas uma simultaneidade. A memória consciência é a própria *duréé*, porque o tempo é um presente que renasce sem cessar e é Germa quem desfia, uma a uma, as lembranças de Quina, mas o narrador onisciente está de uma forma ou de outra, presente, deixando-se entrever na memória de Germa,

que é apresentada como a narradora potencial, possível, porque tem condições de conhecer mais e interiormente essa figura incrível que foi Quina.

Esse narrador onisciente também é capaz de ver e saber tudo, inclusive os pensamentos mais íntimos das personagens, traduzindo e interpretando gestos e reflexões que desconhecem as próprias personagens.

Assim o narrador onisciente narra a reconstrução da família Teixeira, de sua casa secular que caminha da decadência, ruína, ao ressurgimento através de dezenove capítulos. Lê, aponta, revê, indica, observa e se deixa entrever na memória de Germana.

Simultaneamente a esse fato, outros são tecidos, sempre com o objetivo de revelar o sistema de valores da família Teixeira, como o dote que Maria levou no casamento: “dois moinhos e algumas ramadas” (BESSA-LUÍS, s.d., p.12).

A memória fornece elementos ao narrador que lhe permitem recompor lugares, situações, tempo em que a história se desenvolveu. Essa memorização permite certas conceituações do romancista: “O crime é ofensa feita à natureza, mas a perda da liberdade tem mais o sentido de ofensa contra o homem” (idem, s.d., p.167), o que revela que, para o camponês, a prisão é mais desonrosa que o próprio crime.

O romance é uma narrativa memorialista e fragmentada. As histórias vão sendo narradas à medida que surgem na mente do narrador:

E o pai, morto agora, feito recordação, passado, parecia mais querido, os seus feitos nimbavam-se dum arrojo mais vivo, os seus erros ficavam apenas com aventuras um tanto traquinas, mas, no fundo, heroicas. A sua memória teve um pensamento diário, um culto perpétuo, uma admiração submissa e feliz. Um evocava a sua benção irónica e doce; outro, a sua fama de valentia, a luta com a guarda que viera sufocar a revolta do povo [...]; outro, ainda, falava do seu dom de diplomata escolhido para aplanar discórdias, decidir sentenças alvitrar ajustes [...] e vassalagem à sua roda (idem, s.d., p. 39).

A abertura do romance contrapõe o ponto de vista de Germa e de Bernardo; é o gatilho que detonará toda a narrativa sobre a vida de Quina, a protagonista. Serve ainda para revelar dois modos de vida: o burguês-urbano (Bernardo) e o rural (Germa).

O romance é fruto de uma narração memorialística que não se mostra objetiva, direta. Alguns fatos inspiram no narrador comentários que se vão encadeando de forma labiríntica e, às vezes, dispersivas como a história do filho de Narcisa Soqueira que “voltara do Brasil, rico, com

faíscas de brilhantes a despedirem dos dedos e das abotoaduras todas, com zaragatices de bordados nos coletes, muito pachá, querendo café – moca, dizia – ao dejejum e fazendo olhos redondos para as coisas do campo” (idem, s.d., p. 37), afastando o leitor comum da narrativa que privilegia o universo feminino.

Cria-se, portanto, todo um contexto para falar de Quina, recuando-se às origens de sua família, quando seu pai Francisco Teixeira conhece sua mãe, Maria, que está com nove anos tentando pular um córrego encachoeirado.

A narração segue o ritmo da memória, evocando fatos e pensamentos que vão construindo o sentido da história da família Teixeira.

O narrador demonstra saber tudo sobre os fatos ocorridos, porque antecipa notícias e conta episódios de um passado distante bem como delega às personagens a tarefa de reconstruir a história e a própria personalidade de cada uma, através de inúmeras narrativas que fluem da memória individual ou coletiva.

Nesse entrelaçamento de narrativas, o diálogo inicial entre os primos funciona como um prólogo à matéria principal que será narrada.

Apesar da vida desregrada do marido, Maria, no futuro, recordava “com uma ternura muito viva” (idem, s.d., 21) esses anos que foram muito amargos: perdeu os três primeiros filhos, e a criança que sobreviveu foi devido aos conselhos de Narcisa, sua amiga. Era Justina, um ano depois surgiu Joaquina Augusta. A seguir vieram ainda três rapazes.

Com o passar dos anos, surgiram “os resultados da fanfarronice estroina de Francisco Teixeira. O dinheiro começou a faltar até “para comprar o gado necessário à lavoura” (idem, s.d., p. 33). Maria sentia “com amargura e indignação as saias de suas filhas e cujos “fitilhos se despedaçavam, ou os velhos lenços desbotados, o rasto esburacado das chinelas” (idem, s.d., p. 33).

Maria tinha preferências pela filha Justina e implicância por Quina e Francisco percebeu: “— Isto são modos de tratar a menina? — ralhou Francisco. Era a primeira vez que ele concretamente acusava a mulher da sua parcialidade de coração. Estava exasperado” (idem, s.d., p. 31).

Entre Quina e o pai foi surgindo uma espécie de aliança secreta e, como consequência o amor pelo pai tornou-se uma espécie de “devoção” (idem, s.d., p. 23).

Era Quina quem realizava trabalhos “que exigiam maior atividade e energia” (idem, s.d., p. 32). Tinha sagacidade, altivez, consciência para ser livre juiz, capaz de sacrifícios que

exigem justiça e se necessário, “deixar coração e vida, paixões que sangram, interesses que devoram, pelo caminho” (idem, s.d., p. 33).

Com o passar dos anos, depois da morte de Francisco, a casa da Vessada fica afundada. Maria, Estina e Quina conseguem recuperar o patrimônio, mas antes Maria e Quina litigavam como se jogassem. A primeira ficou reduzida a um farrapo mas Quina

tinha grande fé nas artimanhas dos advogados, achava que sempre, sem exceção, se pode iludir a lei. Cultivava-se em coisas do foro, fazia-se importuna, corria de um juiz a um influente e deste a um delegado, agia de modo próprio, desejava precipitar o lento esmoer da burocracia judicial, comprava testemunhas, impunha teorias, desprezava os legistas que não a favoreciam, e considerava letra morta os seus artigos. Era, enfim, calamitosa e insuportável. De qualquer modo, a questão ficou perdida: a casa da Vessada definitivamente soçobrava (idem, s.d., p.37).

Maria morreria muito velha e, com a idade, a mente vai se debilitando o que lhe provoca vagas e atropeladas recordações, “esse viver retrospectivo cheio de visões passadas” (BESSA-LUÍS, s.d., p. 19). A lembrança de Francisco “estava sempre presente junto dela” (idem, s.d., p. 19), revivendo as suas seduções, entregando-se “às suas íntimas batalhas de cólera e de perdão. <<Que culpa tinha ele de ser bonito?>> — dizia, tomada duma filosofia gracejadora e doce. E, avistando da janela o filho que tomava o caminho dos lameiros, num dia outoniço em que chovia,” (idem, s.d., p.19) pensava ser Francisco Teixeira que partia desprevenido de abafos. <<Vai se molhar todo, o meu Chico. Levem-lhe um capote, porque se vai molhar>> No entanto, havia quarenta anos que ele tinha morrido” (idem, s.d., p. 19).

Germa é a última descendente viva. É ela quem, através da memória, recupera a vida do clã familiar, iniciado por Maria. Nesse percurso, observa-se também o próprio desenvolvimento da sociedade portuguesa por meio da transformação da mentalidade das personagens, sobretudo as femininas.

Enquanto Maria era submissa, Germa reagia a essas submissões “que o mundo lhe queria exigir” (idem, s.d., p. 124).

Interessante que é Maria, - “a chama oculta sob a cinza do lar” - (idem, s.d., p. 33) que dará continuidade à família, merecendo do “destino uma irônica compensação, pois seria o seu nome que se perpetuaria no único dos filhos que deixou descendência” (idem, s.d., p. 33), porque, ao registrarem Abel, pai de Germa, colocaram o seu sobrenome.

Estina e Quina têm personalidades diferentes e, como consequência, destinos diversos. Recebiam da mãe tratamentos diversificados e adotaram também atitudes diferentes para

garantir o patrimônio da família. Estina resolveu casar-se, e Quina optou por defender a casa da Vessada

imprescindível com seu tacto político a respeito de relações, negócios, contratos. Nas feiras fizera-se conhecida, com o seu guarda-chuva e a saca de vidrilhos, cumprimentando aqui, escolhendo gado mais além, parando, demorando, num vício palrador, muito popular com o seu gênio de ímpetos, facécias, conselhos, um apadrinhar de todas as desavenças, um apaixonado interesse por todos os projetos e todos os resultados (idem, s.d., p. 55).

Possuía Estina uma mentalidade tradicional, acomodada, sem coragem de reagir às imposições do destino. É o espelho da própria mãe, resignando-se diante dos abusos cometidos por seus maridos e colaborando para manter os privilégios masculinos.

Já Quina era independente e autossuficiente. Buscou realizar seus próprios anseios e não se sujeitou a sobreviver condicionada a um casamento. Tinha mentalidade progressista.

Germa e Quina têm pontos de identificação como Estina e Maria.

Já os homens da família Teixeira são degeneradores do patrimônio familiar. João não era ambicioso enquanto Abel acalentava ideais de riqueza, mas herdaram do pai o gosto pelos amores e a pouca disposição para o trabalho:

Os homens tinham sido sempre fatais para a casa da Vessada. Francisco Teixeira, pródigo e desinteressado, contava como seu próprio pai entregava mais afoitamente a regência do lar a uma filha que tinha musculosa amazona que, ela só, bastava para jungir uma parrelha de bois a um carro carregado de mato, e sem que a respiração se lhe alterasse (BESSA-LUÍS, s.d., p. 53).

Enquanto os homens dispersam o patrimônio familiar, as mulheres o recuperam; por isso, pode-se dizer que elas se ligam à terra como fundamento da permanência, e os homens simbolizam a instabilidade como filhos pródigos.

Em Quina há a predominância de laços de sangue, fato que a levou, mesmo contra seu desejo de coração, a não dar a casa da Vessada para Custódio, revelando consciência “para ser livre juiz, sacrificar-se pelas coisas que exigem justiça a ponto de, para a cumprir, ser necessário deixar coração e vida, paixões que sangram, interesses que devoram, pelo caminho” (idem, s.d., p. 33).

Em outro fragmento também se percebe que Quina nega deixar a propriedade para Custódio: “Pobre menino, pobre bobo! Era criminoso lançá-lo dali, mas aquela casa não era sequer a ela, Quina, que pertencia. Era a um nome, a uma raça; pecaria, cometeria um furto, se, à conta de quaisquer cláusulas ou sofismas, consentisse ali um estranho” (idem, s.d., p. 230).

Quina já está doente no décimo sétimo capítulo e “através de todo o caos de recordações inconscientes que, como alvéolos se abriam na sua memória, ela pensava na morte. Não a desejava, apenas todo o seu ser se adaptava a cumprir a morte” (idem, s.d., 207). Revive na memória momentos da vida familiar: a mãe, os irmãos ainda jovens e o pai: “Quina não o encarava nunca. O seu amor por ele era feito de temor e duma ousadia infinita e secreta, que se manifestava à vezes nas suas rebeldias para com os estranhos ou os irmãos” (idem, s.d., p. 209)

Quina recebe também a visita do médico e rememora a Condessa de Monteros, de quem Custódio é descendente. Quase moribunda,

sentia ainda um interesse vivo em observar aquele jovem que escrevinhava a sua receita depois de soprar cuidadosamente o pó do toucador e atrever-se então a apoiar lá o braço [...]

— Filho da mãe! — explodiu Quina, quando ele saiu. — Que bem que ele sabe soprar! Foi a herança da condessa que o pai dele soprou, também, para o fazer doutor! (idem, s.d., p. 215).

Enfim, é a memória, com as suas voltas e desvios que orienta o desenrolar da história de três gerações e o último capítulo retoma o primeiro desnudando os acontecimentos após a morte de Quina; por isso, a cena que termina o livro é a mesma que o iniciou: a conversa de Germa com o primo. O livro termina com reticências, questionando Germa a personalidade da tia.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1973.

BESSA-Luís, Agustina. *A sibila*. 9. ed. Lisboa: Guimarães, s.d.

BORGES, Maria da Graça T. de Melo. *A sibila - sob o signo do espelho* p. 187-97. [http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/639/1/Maria Graça T Melo Borges_p. 187-97pdf](http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/639/1/Maria%20Graça%20T%20Melo%20Borges_p.187-97.pdf).

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMILO, João. Uma leitura de *A sibila*, romance de Agustina Bessa-Luís. *Cadernos de literatura*, n.9, 1981, p. 44.

CARVALHO, Júlio. Agustina Bessa-Luís e o romance moderno. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA E LITERATURA. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971. p. 257-70.

CASTRO, Antônio Jardim. *Música: vigência do pensamento poético*. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: ANÁLISE ESTRUTURAL DA NARRATIVA. 3. ed. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1973.

GIROLA, Maristela Kirst de Lima. *O espaço da memória e do feminino em 'A sibila' de Agustina Bessa-luís*. Dissertação de Mestre em Letras na área de Teoria da Literatura, Porto Alegre, Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, janeiro de 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.